



A literatura como um farfalhar de leituras

Rasga-mortalha. Poemas dos outros, de W. B. Lemos

Juliana Bratfisch*

Mesmo que aquela grande ave dos mares de outrora, desenvolta no céu a nos sobrevoar, ou canhestra sobre o convés pela incompatibilidade de suas asas, pareça estar em extinção na natureza, não devemos lamentar excessivamente. É inevitável que mudanças climáticas ocorram, aves migrem com frequência e territórios sejam ocupados por novas espécies. Nesse cenário aparentemente caótico, entretanto, não devemos deixar de notar a modesta sobrevivência de outra espécie: trata-se de uma pequena coruja branca cujo mito diz carregar maus presságios identificados pelo som do farfalhar de suas asas. É sob o signo desta ave que W. B. Lemos intitula seu primeiro livro de poemas, *Rasga-mortalha. Poemas dos outros* (2014). Logo no início, temos a situação delineada:

Suindara escura o sol retorto,
acresce a pena humana, e avia o Dia.
A-que-sabe nada disse em pio.
À noite, é ave-névoa, a branca,
e traz do vento em voo-nave:
é tudo tédio e fome um pouco.

* Doutoranda em Teoria e História Literária na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Toda anjo terrível, carnificina
 à farta. Não lhe satura o ouvir.
 Rapina, noturna, incansável a ver.
 Sentencia tal súdito qual rei
 à fadiga. Seu siso é justo:
 tresvaria a ilusão precária em riso.

Sob o céu, tudo nela tem seu tempo,
 momento determinando o evento.
 Destinar o devir lhe apraz a vaidade.
 Findar o enfado à dor, ao provocar ruína,
 é comprazer o afã dos homens à derradeira angústia:
 se hoje ela os busca, naquele Dia fugirá deles.

(“Rasga-mortalha”)

Uma escrita-voó que busca a escuta sem “nada dizer em pio”, e que se envaidece ao lidar com as ruínas, apesar da angústia e da urgência que se faz presente neste gesto. Esta é a poética de W. B. Lemos, que prefere o ínfimo, o “nada, / a nada querer”, como um copista, um escrivão que também se faz um leitor obsessivo, ao se apropriar em sua escrita da tradição literária.

Os diálogos são múltiplos, de Machado de Assis, Bukowski, Beckett, a Leminski e Gertrude Stein, e podem ser sentidos na oscilação de tom ao longo do livro, por vezes arcaizante, por vezes esrachado, variando conforme parte da tradição com que dialoga. A inscrição da tradição e a oscilação de tonalidades poderiam ser lidas simplesmente como uma espécie de arrogância. Entretanto, me parece ser a conjugação na primeira pessoa do plural de seu

sobrenome-verbo (Lemos) o que dita as regras de convivência com seu livro e a declinação de seu pseudônimo, *Esperando Leitor*, o dado que demonstra seu desejo de pertencer a uma comunidade: em suma, aquilo que poderia ser lido meramente como um gesto de erudição vazia também se posta como uma generosidade no gesto daquele que faz da escrita uma continuidade da leitura.

Em “Livro das aporrinhações”, Lemos faz referência às genealogias malogradas, às dissimulações assumidas e aos livros inescritos, assim como em “Antipoética” afirma, “ao invés da vulgar e surda loquacidade – / a sempre reeditada algaravia lapidar / do *nada mais a dizer sobre o já dito* –, / apenas um improdutivo (e indigno) silêncio”. Como lembra João Cezar de Castro Rocha no prefácio do livro, há um potencial curto-circuito de direções tomadas nestes versos: a recusa do usual “nada mais a dizer sobre o já dito” e sua opção pelo silêncio não parece ser um gesto “improdutivo (e indigno)”. Ao contrário, parece ser um gesto de generosidade daquele que toma a poesia como um exercício urgente, sem se importar de conviver com rebarbas, contanto que continue, por enquanto, seu voo “animado pelo vento”.

E o vento da tradição é aquilo que conduz sua escrita-voos, através dos diversos jogos propostos, das dissimulações assumidas e, algumas vezes, de inusitadas e interessantes torções na genealogia, como quem força a convivência, numa mesma estante de sua casa, entre autores tão distintos. Em “Gertrude Stein lê Gregório de Mattos” temos, por exemplo, um interessante exercício poético, fruto dessa estranha convivência:

Não sou
o que tenho sido;

o que tenho sido
 não sou.
Não tenho sido
 o que sou;
o que sou
 não tenho sido.

Não te direi
 o que quero te dizer;
o que quero te dizer
 não te direi.
Não quero te dizer
 o que te direi;
o que te direi
 não quero te dizer.

Não te direi
 o que tenho sido;
não tenho sido
 o que te direi.
O que te direi?
 O que tenho sido?

Não quero te dizer
 o que sou;
não sou
 o que quero te dizer.
O que quero te dizer?
 O que sou?

A verborragia expressiva do autor lido se torna gaguejante neste interessante pastiche estilístico escrito por Lemos, à moda da autora norte-americana, no qual ele busca corroer a discursividade, mantendo em evidência apenas a tensão entre os elementos opostos, derivados das inversões construtivas e das colagens verbais nos versos. Ao mesmo tempo que temos aqui conjugados o tom e os procedimentos de Gertrude Stein, com certa lembrança das antíteses de Gregório de Matos, também temos uma leve carga irônica daquele que escreve, direcionada, tanto aos objetos lidos, como a si mesmo, naquilo que se refere ao dizer (escrever a partir da leitura) e às incertezas da identidade (suas múltiplas máscaras).

Há uma permanente reiteração dessa falta de lugar na poesia de Lemos, do poeta “exilado de si”, ao mesmo tempo que há uma afirmação constante do poeta enquanto ser desabrigado, transeunte, que goza “a pena de saber / que isso é muito e nada”. Essa hesitação teatralizada, porém, deve ser lida como parte integrante de seu projeto: há uma confiança no errático que sustenta o livro e a escrita do autor.

Algo da poética de Lemos me faz lembrar a simplicidade de um poema de José Paulo Paes, “Acima de qualquer suspeita”, em que a máxima “a poesia está morta” é desconstruída ironicamente pelas tentativas de primeiro imitar a tradição, seguida da imitação de si mesmo, até que desembocamos na diluição do eu no poema. “O poema é o autor do poeta” e não o contrário, como lembra a epígrafe do mesmo autor, escolhida por Lemos.

Outro ponto que não pode deixar de ser destacado é o diálogo que os poemas estabelecem com as belíssimas aquarelas de Rodrigo Barrales nessa edição. Mais do que ilustrações, os traços do artista acrescentam leituras imagéticas para os poemas, como pode ser visto,

por exemplo, nas aquarelas dispostas nas páginas que espelham os poemas “Escalera” e “Parlatório aos corvos”. No primeiro caso, temos uma escada infinita e vazia, cujas cores são tão irrealis quanto o sonho com Babel descrito no poema. No segundo, a memória das cores escuras e a leveza das plumas do corvo fazem eco no delineamento de uma figura feminina que lembra algo da estátua da liberdade, sem deixar de ter a expressão e os trajes de uma moradora de rua.

A força da proposta de Lemos não é inovadora (e, nesse sentido, acompanha grande parte daquilo que tem sido feito na poesia contemporânea): reside em suas torções e diálogos constantes com a tradição lida, numa necessidade de diálogo com a biblioteca. O que nos prova que a literatura, portanto, pode também se forjar num farfalhar de leituras, num exercício de escrita abertamente feito a partir dos livros, sem que isso denote mau agouro, ou que precisemos cobrir nossas casas com um manto negro, prenunciando sua morte prematura.